Visitas Pedagógicas: A importância da segmentação do roteiro em níveis escolares

OLIVEIRA, Ana Beatriz Lima Perez[1]; RODRIGUES, Lucas Gomes[2]; COSTA, Laura Cordeiro Wilhelm da[3]; TAVARES, Marcela Rosa[4]; NOVAES, Ana Beatriz do Espírito Santo[1]

[1]Educadora Ambiental, BioParque do Rio
[2]Gestor de Educação Ambiental, BioParque do Rio
[3]Estagiária de Educação Ambiental, BioParque do Rio
[4]Bióloga e Gestora de Pesquisa e Conservação, BioParque do Rio

Resumo
A educação ambiental em zoológicos exerce um papel significativo no complemento do ensino formal, favorecendo a assimilação de conceitos abstratos, o desenvolvimento social e cognitivo dos alunos, além de proporcionar um aprendizado repleto de memórias afetivas. O objetivo do trabalho foi analisar a importância da segmentação das visitas pedagógicas considerando os diferentes níveis escolares, por meio da observação de campo e da pesquisa bibliográfica. A partir disso, conclui-se que a segmentação dos roteiros foi essencial para aprimorar o Programa de Visitas Pedagógicas do BioParque do Rio, proporcionando uma experiência mais completa e alinhada ao nível de conhecimento dos visitantes.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Ensino Não Formal. Visita Pedagógica. Zoológico.

Introdução

No processo de ensino-aprendizagem, a educação é obtida no decorrer dos anos, podendo ser dividida em três formas: *formal*, transmitida nas escolas; *informal*, através dos pais, no convívio com amigos, clubes, teatros, entre outros, de forma mais espontânea; e a *não formal*, cujo objetivo é o ensino fora do contexto escolar (Colley; Hodkinson; Malcom, 2002).

Segundo os autores Lorenzetti e Delizoicov (2001) e Fernandes (2007), as visitas com cunho pedagógico a espaços não formais de ensino aumentam as possibilidades de aprendizagem dos estudantes, o que contribui diretamente no desenvolvimento cognitivo. Vigotski (2010) considera o desenvolvimento cognitivo como sendo, em grande parte, um produto da convivência social. Interagindo com o meio, a criança se apropria dos elementos culturais e molda sua compreensão de mundo e suas habilidades cognitivas (Gonçalves, 2007). De acordo com Queiróz (2002), esse processo só é possível devido às características desses espaços, que despertam emoções e servem como um motivador da aprendizagem.

Nesse sentido, os Zoológicos se encaixam como um espaço não formal de ensino, uma vez que é um local que pode oferecer recursos didáticos que um ambiente escolar muitas vezes não dispõe (Pinto e Figueiredo, 2010). Além disso, esses locais podem ser grandes aliados dos professores, ao abordar a educação ambiental e outras temáticas do ensino de ciências, que estejam sendo estudadas em sala, estimulando a percepção e o entendimento sobre esses temas de forma participativa (Queiroz *et al.* 2017).

Com base nessa perspectiva, a equipe de Educação para Conservação do BioParque do Rio desenvolveu um novo programa de visitas pedagógicas, alinhado à Base Nacional Comum Curricular (2018), buscando potencializar práticas prazerosas de acordo com cada segmento de ensino: Educação Infantil, Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

Objetivo

Demonstrar a importância da segmentação das visitas pedagógicas realizadas no BioParque do Rio em níveis escolares, adaptando-as conforme as necessidades e o desenvolvimento cognitivo dos diferentes segmentos de ensino, de acordo com a teoria sociocultural de Vigotski (2010) e a BNCC.

Metodologias

A linha de atuação *"Descobrir e Aprender"* do setor de Educação do BioParque do Rio, responsável pelas visitas pedagógicas, propôs a reformulação do programa a fim de mitigar alguns fatores que vinham afetando negativamente a experiência das visitas – fatores esses identificados a partir da vivência dos educadores entre os anos de 2022 e 2024. Entre os principais pontos observados pode-se citar: o percurso extenso, que causava cansaço nos alunos; a variação climática da cidade do Rio de Janeiro, que o calor intenso e as chuvas fortes não permitiam a visitação; e um discurso educativo pouco específico para cada segmento de ensino, que prejudicava a compreensão dos conteúdos abordados.

Para realizar a reformulação do setor de forma embasada, foi feita uma busca na literatura científica por referências de zoológicos nacionais e internacionais, comparando como eram realizadas as visitas: se elas eram segmentadas, se tinham bases pedagógicas estruturadas (como o uso da BNCC), a sua duração e as temáticas abordadas para cada segmento de ensino.

Por fim, a proposta foi documentada, tendo como base a teoria sociocultural de Vigotski (2010) e as diretrizes da BNCC, analisando a importância da segmentação para o processo de ensino-aprendizagem dos alunos.

Resultados e Discussão

Como resultado, o percurso da visita foi adequado de acordo com a fase escolar dos alunos. Em relação ao Ensino Infantil e Ensino Fundamental I, compreende-se que o ensino de ciências é gradualmente inserido no currículo aliado a temas gerais como: cores, sons, habilidades sociais e motoras. Desse modo, a visita destinada a esse público foi dividida em dois modelos: *Experiência Infantil* e *Busca ao Tesouro.* Voltada para a Educação Infantil, a *Experiência Infantil* tem maior foco na observação dos animais diurnos e um momento de interação com os educadores, desenvolvendo temáticas pontuais, como quem são os animais e suas características, no Centro de Educação da instituição. Para o Fundamental I, foi desenvolvido os passos iniciais de raciocínio e resolução de problemas lógicos, dando origem a uma imersão na procura de pistas deixadas pelo Imperador Dom Pedro II, antigo residente da Quinta da Boa Vista (parque onde se localiza o BioParque do Rio), a fim de encontrar o tesouro final. Essa atividade entrelaça temáticas históricas e biológicas, com o propósito de estimular a participação ativa dos alunos.

A visita destinada ao Ensino Fundamental II foi nomeada *Guardiões da Biodiversidade.* O roteiro foi planejado para abranger todo o circuito, onde é utilizado um *Peddy-Paper* - recurso didático, que funciona como um norteador recreativo em formato de folder, contendo enigmas e perguntas envolvendo sustentabilidade, comportamento e informações das espécies, visando facilitar a adequação do conteúdo escolar e reter a atenção dos alunos no discurso educativo. O *Peddy-Paper* pode servir também como instrumento avaliativo do rendimento dos alunos em relação à visita, já que permite qualificar o conteúdo aprendido pela turma.

Por fim, a visita destinada a alunos do Ensino Médio foi denominada *Bastidores da Conservação*. Esse modelo de visita não foca no circuito convencional e tem como objetivo a conexão desses jovens com profissionais já estabelecidos em suas áreas, como biólogos, médicos veterinários e zootecnistas, buscando despertar o interesse para novas vocações em uma etapa tão crucial de escolha de carreira e preparo para o vestibular.

Conclusão

Logo, com base na bibliografia referenciada e nas experiências vividas tanto pelos educadores do BioParque do Rio, quanto pela equipe de educação de outros zoológicos, conclui-se que é imprescindível compreender as demandas de aprendizagem de cada nível escolar e adaptar o roteiro educativo para melhor atendê-las. Dessa forma, a aula-passeio torna-se mais produtiva, promovendo uma comunicação mais efetiva entre os espaços formais e não formais de ensino.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.

COLLEY, H.; HODKINSON, P.; MALCOM, J. *Non-formal learning: mapping the conceptual terrain. A consultation report*. Leeds: University of Leeds Lifelong Learning Institute, 2002. Disponível em: http://www.infed.org/archives/e-texts/colley_informal_learning.htm. Acesso em: 30 mar. 2025.

FERNANDES, J. A. B. *Você vê essa adaptação? A aula de campo em ciências entre o retórico e o empírico*. 2007. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

GONÇALVES, M. A. B. A criança e seu meio: contribuição de Vigotski ao desenvolvimento da criança e à sua educação. 2007.

LORENZETTI, L.; DELIZOICOV, D. Alfabetização científica no contexto das séries iniciais. *Ensaio: Pesquisa em Educação em Ciências*, Belo Horizonte, v. 3, n. 1, p. 45–61, 2001.

PINTO, L. T.; FIGUEIREDO, V. A. O ensino de Ciências e os espaços não formais de ensino: um estudo sobre o ensino de Ciências no município de Duque de Caxias/RJ. In: *II Simpósio Nacional de Ensino de Ciência e Tecnologia*, v. 7, 2010.

QUEIRÓZ, G. et al. Construindo saberes da mediação na educação em museus de ciências: o caso dos mediadores do Museu de Astronomia e Ciências Afins/Brasil. *Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências*, v. 2, n. 2, 2002.

QUEIROZ, R. et al. A caracterização dos espaços não formais de educação científica para o ensino de ciências. *Revista Areté: Revista Amazônica de Ensino de Ciências*, v. 4, n. 7, p. 12–23, 2017.

VIGOTSKI, L. S. A questão do meio na pedologia. Tradução de Maria P. Vinha. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 21, n. 4, 2010. Trabalho original publicado em 1935.